



# TEXTO PARA DISCUSSÃO

ISSN 0103-9466

413

**A crise da classe média pré-pandemia  
(2015-2019)**

**Waldir Quadros**

**Mai 2021**



UNICAMP

**ie** Instituto de  
economia

# A crise da classe média pré-pandemia (2015-2019)

Waldir Quadros<sup>1</sup>

## Resumo

A intensa mobilidade social que vigorou de 2004 a 2014, bastante vigorosa entre as camadas populares e bem menos intensa na Classe Média. A crise na mobilidade que antecede a pandemia, provocada pela forte recessão econômica a partir de 2015.

**Palavras chave:** mobilidade social.

## Abstract

### *The pre-pandemic middle class crisis*

The intense social mobility that prevailed from 2004 to 2014, was quite vigorous among the popular strata and much less intense in the middle class. The mobility crisis precedes the pandemic, caused by the strong economic recession starting in 2015.

**Keywords:** Social mobility.

**Código JEL:** J620.

## 1 A intensa mobilidade social no período 2004-2014

Em trabalhos anteriores temos apontado que uma das características mais marcantes da fase de progresso social que, grosso modo, vigorou de 2004 a 2014, foi o elevado dinamismo e mobilidade social ascendente entre as camadas populares. E também que esse dinamismo revela um claro limite, uma vez que o canal de acesso à Média Classe Média torna-se bastante estreito. Que é muito mais restrito ainda no que se refere à Alta Classe Média<sup>2</sup>.

Na verdade, em termos contemporâneos, a dificuldade em ingressar na Classe Média<sup>3</sup> é um fenômeno que já se instala nos anos oitenta com a crise do “Milagre”. E, na interpretação que seguimos, isto decorre fundamentalmente do nosso processo de desindustrialização e da ausência de progresso técnico sistêmico. Pois é justamente o desenvolvimento do sistema industrial e suas amplas conexões que cria oportunidades de melhor qualificação e remuneração ocupadas pela Classe Média.

Para ilustrar, basta mencionar que em 1981 a Alta Classe Média abrangia **8,3%** de uma população de 118,4 milhões de pessoas, totalizando 9,9 milhões. Em 2014, 33 anos após, ela alcança tão somente **9,1%** de 203,2 milhões, totalizando 18,5 milhões. E isso no auge da mobilidade recente!

A Média Classe Média em 1981 englobava **13,2%** e totalizava 15,6 milhões. Em 2014, **14,8%** e 30,2 milhões.

---

(1) Professor Associado aposentado do IE/Unicamp onde é pesquisador do Centro de Estudos Sindicais e Economia do Trabalho – CESIT / Professor Doutor da Facamp. Nossos agradecimentos iniciais aos colegas Dr. Alexandre Gori Maia, Professor do IE/Unicamp e Dra. Maria Alice Pestana de Aguiar Remy, pesquisadora do CESIT – IE/Unicamp, que sempre processam os micro dados do IBGE e sem suas colaborações seria impossível realizar minhas pesquisas. Ao professor Dr. João Manuel Cardoso de Melo, Titular aposentado do IE/Unicamp e Diretor Geral da Facamp pela segura e constante orientação e ao Professor Doutor da Facamp Davi José Nardy Antunes, pelas valiosas sugestões. À Facamp pelo rico e estimulante ambiente intelectual.

(2) Cf. por ex., Quadros, Waldir. A profundidade da atual crise social”, IE/Unicamp, Texto para discussão n. 361, Campinas, set. 2019, disponível em <http://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/TD/TD361.pdf>.

(3) Os critérios adotados para a estratificação social serão apresentados um pouco mais à frente.

Agregando as duas camadas de Classe Média, estamos falando de um segmento bastante restrito de **21,5 %** e 25,5 milhões em 1981, e de **24%** e 48,7 milhões em 2014.

**a. Antecedentes: rápido exame do comportamento da Classe Média desde o fim do “Milagre”**

Neste trabalho vamos enfatizar o comportamento da Classe Média, já que no texto anterior focamos as camadas populares.

Como se observa na Tabela 1, na década de oitenta a Classe Média retraiu-se em 1983 e 1984. Na de noventa em 1992 e 1993 e, na de 2000, de 2002 a 2005. Entretanto, em uma visão panorâmica, ela oscila em torno de um patamar relativamente estável.

Porém, antes de mais nada, é crucial atentar que quando se leva em conta a intensa mobilidade dos anos setenta, que estudamos em nossa tese de doutoramento<sup>4</sup>, esta “estabilidade” após 1980 assume a feição de verdadeira **estagnação**.

Vamos agora refletir um pouco sobre o significado desta estabilidade “estagnada”, que não contempla as contínuas e variadas movimentações no interior das camadas<sup>5</sup>.

De um lado ela resulta, como já foi dito, de um acesso bastante restrito. Por outro, salvo em momentos específicos, seu **espaço social** se recompõe mais ou menos rapidamente de crises conjunturais mais sérias.

É importante reforçar que estamos nos referindo aos espaços sociais ocupados pelas distintas camadas, ou seja, à sua participação no conjunto da população. Em termos individuais, ou familiares, as condições podem ser bastante distintas. Assim, um membro da Alta Classe Média que enfrenta um rebaixamento em uma crise, não tem nenhuma garantia de que passada a crise ele recupere sua posição anterior. Que pode ser ocupada por algum outro indivíduo.

Por outro lado, principalmente nesta camada social a perda de posição não significa de imediato o rebaixamento social, pois seus componentes geralmente possuem rendimentos financeiros ou patrimoniais que, com alguns ajustes no consumo, podem garantir a manutenção de seu padrão de vida por um certo período.

Tabela 1  
Estratificação familiar  
(% da População)

Ano	Alta CM	Média CM	Classe Média
2015	8,3	14,1	22,4
2014	8,8	14,3	23,1
2013	8,1	13,6	21,7
2012	8,5	15,0	23,5
2011	7,5	13,3	20,8
2009	7,3	12,7	20,0
2008	7,3	12,5	19,8

Continua...

(4) Cf. Quadros, Waldir J. de. “O ‘Milagre Brasileiro’ e a expansão da Nova Classe Média”, Tese de doutoramento, Campinas, IE/Unicamp, 1991.

(5) Para captar estas evoluções é necessário lançar mão de análises complementares aos dados, sempre levando em conta as fases de mobilidade ascendente ou descendente.

Tabela 1 – Continuação

Ano	Alta CM	Média CM	Classe Média
2007	7,9	12,5	20,4
2006	7,5	11,5	19,0
<b>2005</b>	<b>6,8</b>	10,8	<b>17,6</b>
<b>2004</b>	<b>6,2</b>	10,0	<b>16,1</b>
<b>2003</b>	<b>6,7</b>	<b>9,5</b>	<b>16,2</b>
<b>2002</b>	<b>6,9</b>	10,8	<b>17,7</b>
2001	7,8	11,3	19,0
1999	7,8	11,3	19,2
1998	8,6	13,8	22,4
1997	8,6	13,6	22,2
1996	10,0	12,5	22,4
1995	9,3	12,5	21,7
<b>1993</b>	<b>6,6</b>	<b>10,3</b>	<b>16,9</b>
<b>1992</b>	<b>5,9</b>	<b>11,0</b>	<b>16,9</b>
1990	8,5	12,2	20,6
1989	10,5	13,0	23,4
1988	8,4	11,2	19,6
1987	9,3	13,3	22,6
1986	13,6	17,8	31,4
1985	8,5	12,8	21,3
<b>1984</b>	<b>6,3</b>	<b>10,8</b>	<b>17,0</b>
<b>1983</b>	<b>6,8</b>	<b>11,9</b>	<b>18,7</b>
1982	9,2	12,6	21,8
1981	8,3	13,1	21,4

Fonte: IBGE, PNAD.

Uma visão panorâmica dos dados indica que, em seu conjunto, a Classe Média vive em condições estruturais bastante distintas das camadas populares, conseguindo beneficiar-se largamente nas fases de progresso e se protegendo melhor nas crises.

### **b. As transformações na Classe Média ao longo do tempo**

A relativa “estabilidade” dos níveis de participação da Classe Média não significa que nada ocorreu em seu seio desde 1980, e aqui retomamos comentários efetuados no texto citado anteriormente.

Como apontamos em trabalho de 1997<sup>6</sup>, a Nova Classe Média<sup>7</sup> criada pelo processo de industrialização pesada, e que estudamos em nosso doutorado, possuía uma ampla camada composta por ocupações de nível superior com conteúdo marcadamente técnico e inovador para

(6) Cf. Quadros, Waldir J. de. “Reestruturação das Empresas e o Emprego de Classe Média”, in “Crise e Trabalho no Brasil - Modernidade ou Volta ao Passado?”, Org. Carlos Alonso Barbosa de Oliveira; Jorge Eduardo Levi Mattoso, Editora Página Aberta, Campinas-SP, 1997.

(7) Cf. C. Wright Mills. “A Nova Classe Média (White Collar)”. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1969.

a época, associada aos avanços tecnológicos e organizacionais das empresas. E, no setor público, à forte expansão e modernização das áreas de Saúde, Educação Superior e Administração Pública.

Com o processo de desindustrialização, estagnação econômica e reestruturação empresarial defensiva que se seguiu ao “Milagre”, a grande massa da Classe Média vai assumindo funções cada vez mais genéricas, principalmente nas áreas de gestão e vendas, com algum conteúdo técnico e familiaridade com softwares, internet, aplicativos etc. E, com a crise do Estado, com raras exceções atuando em redes públicas de Saúde e Educação progressivamente deterioradas, tal qual na Administração Pública.

Já na fase de estagnação dos investimentos da década de oitenta as empresas iniciam um forte processo de redução de custos com o duplo intuito de sobreviver e acumular recursos líquidos para compensar a queda nas vendas com atrativos ganhos na “ciranda financeira”.

Começa a grassar uma agressiva ação de consultorias que promovem um rápido e generalizado enxugamento das atividades administrativas, agrupando diretorias e demitindo os funcionários vinculados àquelas que são suprimidas.

Da mesma forma, difunde-se rapidamente um amplo e diversificado leque de softwares que realizam funções outrora desempenhadas por um batalhão de funcionários, supervisores, chefes e gerentes.

Na década de noventa essas práticas avançarão ainda mais, acompanhadas de desnacionalização e de fusões e incorporações com iguais ou mais profundos resultados. Além da cada vez mais forte introdução de progresso técnico poupador de mão de obra, inclusive de profissionais mais qualificados, porém atuantes em tarefas rotineiras.

Por fim, na fase recente de crescimento e mobilidade ocorre, com raras exceções, quase que tão somente uma dinamização do mercado de trabalho, sem maiores consequências sobre o esvaziamento dos conteúdos das ocupações de Classe Média, já que não foi acompanhada de um vigoroso processo de reindustrialização e progresso tecnológico.

Como sabemos, esse período de melhorias se encerrou em 2015, com a desastrosa inflexão na política econômica imposta pela dupla Dilma – Levy, e a forte recessão econômica dela decorrente.

É claro que o restrito segmento da Alta Classe Média se renova e atualiza constantemente em um ambiente de elevada concorrência individual.

Uma situação muito disputada diz respeito àqueles que na prestação de serviços pessoais conseguem ocupar “nichos de mercado” bastante atrativos. É o que ocorre, por exemplo, na ampla área de saúde e estética com profissionais altamente qualificados que atendem uma clientela diferenciada e com elevado poder aquisitivo.

Neste caso, ocupando “brechas” criadas pela ausência de um eficiente Sistema Público de Saúde.

Outra profissão muito concorrida é a de advogado de grandes escritórios, onde aqueles que se destacam ascendem a situações bastante atrativas. E também entre aqueles que ingressam em carreiras do Judiciário.

Uma rápida análise das mudanças nas principais atividades que geram ocupações de Classe Média é bastante útil para obtermos um quadro geral destas transformações.

Tabela 2  
Ocupação da alta Classe Média por setor de atividade  
(% no total dos indivíduos ocupados)

Atividades	1981 %	2014 %
Indústria de Transformação	23,0	10,5
Comércio e Reparação	14,2	13,8
Administração Pública	10,0	15,2
Educação, Saúde e Serviços Sociais	11,1	18,7
Outras Atividades e Atividades Mal Definidas	7,9	15,6
Setor Financeiro	8,7	4,9
Sub Total	74,9	78,6
Total	100,0	100,0

Fonte: IBGE, PNAD.

Observa-se nitidamente na Tabela 2 a violenta queda na participação da Indústria de transformação. O mesmo ocorre com o bastante disputado Setor Financeiro, que passa por contínua e profunda atualização tecnológica poupadora de trabalho.

Avança o agregado Educação, Saúde e Serviços Sociais, bem como a Administração Pública. Comportamento idêntico verifica-se no grupo Outras Atividades Mal Definidas, que apesar do nome pouco charmoso possui uma forte participação de serviços especializados prestados a empresas. Estas fecharam áreas internas e passaram a contratar empresas de advocacia, contabilidade, auditoria, controladoria, tecnologia de informação, design e afins.

Como se nota na Tabela 3, o comportamento da Média Classe Média é bastante parecido, apenas com dispersão setorial um pouco maior.

Tabela 3  
Ocupação da média Classe Média por setor de atividade  
(% no total dos indivíduos ocupados)

Atividades	1981 %	2014 %
Indústria de Transformação	23,7	12,4
Construção	5,5	8,5
Comércio e Reparação	16,6	16,7
Transporte, Armazenagem e Comunicação	8,5	8,1
Administração Pública	8,9	10,1
Educação, Saúde e Serviços Sociais	9,0	17,5
Outras Atividades e Atividades Mal Definidas	4,6	10,2
Setor Financeiro	6,1	2,8
Sub Total	82,8	86,2
Total	100,0	100,0

Fonte: IBGE, PNAD.

Para analisar a crise que se inicia em 2015 vamos tomar como ponto de partida o ano de 2012, que pode ser considerado o final do ciclo de crescimento iniciado em 2004. Em 2013 tivemos forte retração que foi momentaneamente revertida em 2014, ano de eleições e forte expansão do gasto público.

### c. A magnitude da Classe Média entre os Ocupados

Procurando facilitar a exposição, em grande medida vamos nos ater à Alta Classe Média uma vez que a Média possui uma composição bastante parecida, com a diferença de obter rendimentos inferiores. Por outro lado, esta camada diferenciada é a que desperta a atenção daqueles que buscam ascender socialmente, e fornece a imagem correntemente associada à Classe Média.

Antes de mais nada é necessário apresentar os critérios utilizados na estratificação dos indivíduos ocupados, começando pelas “linhas de corte” expressas na Tabela 4<sup>8</sup>, apresentada a seguir.

Tabela 4  
Linhas de corte (R\$) – Individuais

“Padrões de vida”	Jan. 2004	Out. 2019*
Alta Classe Média	acima de 2.500	acima de 5.864
Média Classe Média	de 1.250 a 2.500	de 2.932 a 5.864
Pobres Intermediários	de 500 a 1.250	de 1.173 a 2.932
Pobres	de 250 a 500	de 586 a 1.173
Miseráveis	até 250	até 586

\* valores deflacionados pelo INPC.

Sal. Mínimo = 998

Os valores de 2004 foram fixados quando adotamos a atual metodologia, em janeiro daquele ano. O valor nominal do Salário Mínimo era então de R\$ 240 e o valor real estava um pouco acima de R\$ 250.

Assim, adotamos o valor de R\$ 250 para a linha de corte dos miseráveis, e de seus múltiplos para as demais camadas. Como os reajustes do salário mínimo foram superiores à inflação, os trabalhadores Miseráveis que seguiram recebendo este piso legal foram promovidos para a camada dos Pobres.

Basta mencionar que em outubro de 2019 enquanto a primeira linha de corte deflacionada era de R\$ 586 o valor nominal do salário mínimo era de R\$ 998.

Desta forma, a metodologia revelou plena aderência à realidade, captando integralmente os efeitos do crescimento real do salário mínimo sobre a mobilidade social dos trabalhadores Miseráveis e Pobres.

Com base nestes critérios temos a estratificação dos indivíduos ocupados, apresentada na Tabela 5.

---

(8) Cabe registrar que estas linhas de corte não foram estabelecidas por critérios meramente estatísticos, mas sim por meio de uma abordagem mais próxima da sociologia das ocupações. Em poucas palavras, buscamos definir as faixas de rendimentos **declarados** à Pnad que captavam as ocupações consideradas típicas de cada camada, começando por aquelas melhor situadas. Inspirando-se em Wright Mills, tomamos como representativas da Alta Classe Média os profissionais de nível superior, tais como médicos, engenheiros, professores universitários, pequenos e médios empresários. Na Média Classe Média, os profissionais de nível médio como gerentes, professores de segundo grau, supervisores, técnicos especializados. Na camada de Pobres Intermediários (ou Baixa Classe Média), os professores do ensino fundamental, auxiliares de enfermagem, auxiliares de escritório. Os miseráveis foram definidos como aqueles que em janeiro de 2004 ganhavam menos de um salário mínimo, que é o piso constitucional. Os Pobres como aqueles que se situavam entre estas duas últimas camadas mencionadas.

Tabela 5  
Estrutura social dos ocupados – 2019

“Padrões de vida”	Nº (mil)	%	Renda Média*
Alta Classe Média (e Ricos <sup>(1)</sup> )	6.340	6,7	12.025
Média Classe Média	12.627	13,3	3.812
Pobres Intermediários	39.124	41,3	1.722
Pobres	24.616	26,0	934
Miseráveis	11.936	12,6	316
Total	94.642	100,0	2.308

\* A preços de outubro/2019

S. Mín. = 998

(1) Como sabemos, os rendimentos dos Ricos e da Alta Classe Média não são adequadamente captados pelos inquéritos domiciliares do IBGE. Existe uma imensa sub declaração dos seus rendimentos, omitindo-se dividendos, participação nos lucros, rendas financeiras e imobiliárias. Desta forma, estes rendimentos são meramente ilustrativos das diferenças entre as camadas e servem para a estratificação e não para medir poder de consumo, também distorcendo seriamente as análises de concentração de renda. Ou seja, ainda que possamos considerar que os Ricos estão incluídos entre as pessoas da camada superior, seus rendimentos não.

Fonte: IBGE/PNAD Contínua Trimestral

Sempre analisamos o comportamento da Classe Média tomando-a em conjunto com as demais camadas. Neste trabalho, entretanto, vamos examiná-la isoladamente, considerando-a um objeto de estudo em si.

Entendemos que este procedimento se justifica em sociedades profundamente fraturadas como o Brasil. Aqui, a Classe Média usufrui de condições de vida absolutamente diferentes das camadas populares e as distancias sociais entre elas são enormes.

Esta profunda elitização em geral traz consigo prepotência e desprezo em relação aos “de baixo”, ao lado de bajulação e cordialidade interesseira com os “de cima” e iguais, sempre em busca de oportunidades para si ou familiares. Bem como uma preocupação obsessiva em casar “bem” seus filhos. E outros comportamentos da mesma natureza.

Em grande medida estas atitudes se reproduzem na Média Classe Média, que mimetiza a conduta da Alta.

Atualmente o progressismo está bastante isolado na Classe Média, e sob forte ataque. Porém, nem sempre foi assim.

Na década de setenta ele avançou bastante quando a censura, as perseguições a oponentes da ditadura, prisões arbitrárias e torturas vão sendo mais conhecidas. Nesse sentido, merece menção especial a corajosa atuação da Igreja Católica, que havia apoiado o golpe em 1964. O mesmo se passa com inúmeras personalidades conservadoras que se revoltam com tantas e frequentes arbitrariedades.

Para ilustrar este marcante progressismo de amplos segmentos da Classe Média basta mencionar seu destacado papel na Campanha pelas Diretas dos anos oitenta.

E o que provocou a atual reversão de posicionamento? Nos parece bastante plausível entender que importante contribuição decorra justamente do elevado dinamismo na geração de oportunidades e melhorias no rendimento das camadas populares. O que acentua as históricas contradições de classe, entre outras razões, por implicar em maiores gastos com a ampla gama de serviços domésticos. E também nas despesas do negócio próprio com trabalhadores de baixa e média qualificação.

Também deve ser levado na devida conta a frustração e crescente revolta em relação ao partido que estava no poder, que é responsabilizado por esta situação. Sentimento este que se estende para toda esquerda, progressistas e liberais, mesmo àqueles críticos em relação às práticas “pouco republicanas” em que se envolveram muitos dirigentes políticos e governamentais.

Este crescente ressentimento da Classe Média, já na fase de dinamismo econômico e social, a torna presa fácil do neoliberalismo na economia e do conservadorismo extremado na política, com o avanço da direita radical. Que contam com valiosa contribuição dos meios de comunicação hegemônicos pelos interesses do “mercado”, ou seja, dos rentistas.

## 2 Os impactos na Classe Média da crise a partir de 2015

### a. O conjunto da população

Para analisar esta crise é importante levar em conta que o ano de 2012 pode ser considerado o final do ciclo de crescimento iniciado em 2004<sup>9</sup>. Em 2013 já ocorre uma retração que foi momentaneamente revertida em 2014, ano de eleições e forte expansão do gasto público.

Vamos iniciar esta análise examinando o que ocorreu com o espaço social das famílias de Classe Média, como se apresenta na Tabela 6.

Tabela 6  
Estratificação social da população – (Em %)

Anos	Alta Classe Média	Média Classe Média	Classe Média
2012	9,9	16,2	26,1
2013	9,5	14,6	24,1
2014	10,4	15,3	25,7
2015	9,9	16,1	26,0
2016	9,3	15,7	25,0
2017	9,2	16,6	25,7
2018	10,0	16,9	26,9
2019	10,4	17,4	27,8

Fonte: IBGE/PNAD Contínua Anual.

Evidencia-se que, no seu conjunto, a Classe Média consegue mais uma vez manter seu espaço social sem bruscas alterações, mesmo com a economia nacional se encontrando bastante paralisada.<sup>10</sup> Entretanto, o quadro é distinto quando desagregamos cada um dos segmentos, como faremos mais à frente.

Para tornar mais completa esta análise vamos incorporar a evolução da renda média familiar, tal como se apresenta na Tabela 7.

Tabela 7  
Evolução da renda média familiar – (em R\$\*)

Ano	Alta Classe Média	Média Classe Média
2012	16.622	6.054
2013	17.113	6.402
2014	16.737	6.221
2015	16.195	6.074
2016	17.473	6.238
2017	17.332	6.118
2018	17.582	6.065
2019	17.108	6.050

\*A preços de Out./2019. Deflator: INPC

Fonte: IBGE/PNAD Contínua Anual.

(9) Em 2012 o IBGE alterou a metodologia da PNAD, apresentando agora tanto dados anuais para o conjunto da população, como trimestrais para os ocupados.

(10) É óbvio que a pandemia e a brutal recessão que a acompanha devem alterar significativamente este cenário.

Podemos agora examinar conjuntamente o comportamento dos espaços sociais e da renda média das famílias.

É o que faremos com a Alta Classe Média com base nos Gráficos 1 e 2.

Acompanhando a conjuntura econômica, observa-se em 2013 o encolhimento de seu espaço social, a recuperação em 2014 e a forte queda até 2017, quando se inicia uma retomada até 2019, voltando ao patamar de 2014.

Já no que se refere aos rendimentos o cenário é bem diferente até 2017.

Curiosamente, eles sobem em 2013, caem em 2014 e começam a subir já em 2015, ganhando grande impulso em 2016 e só começam a cair em 2018. Esta queda, simultânea ao aumento da participação na população, aponta para o ingresso de pessoas com rendimentos abaixo da média.

Esta evolução, que vai na contramão da mobilidade social, sugere a capacidade de defender seus rendimentos na retração por parte daqueles que conseguem se manter nesta camada bastante diferenciada do conjunto da população.

Gráfico 1  
Alta Classe Média  
Evolução da participação na população – (em %)

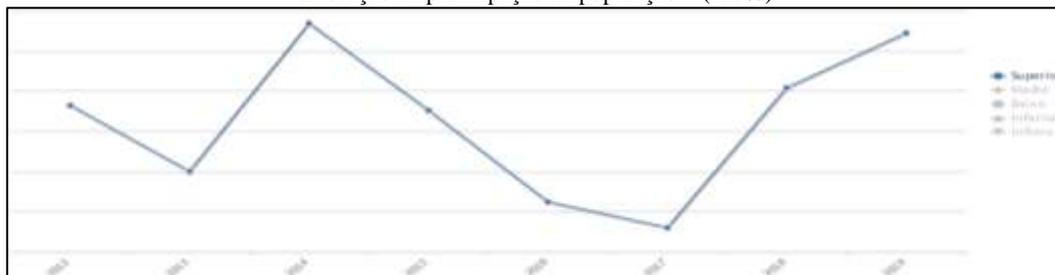
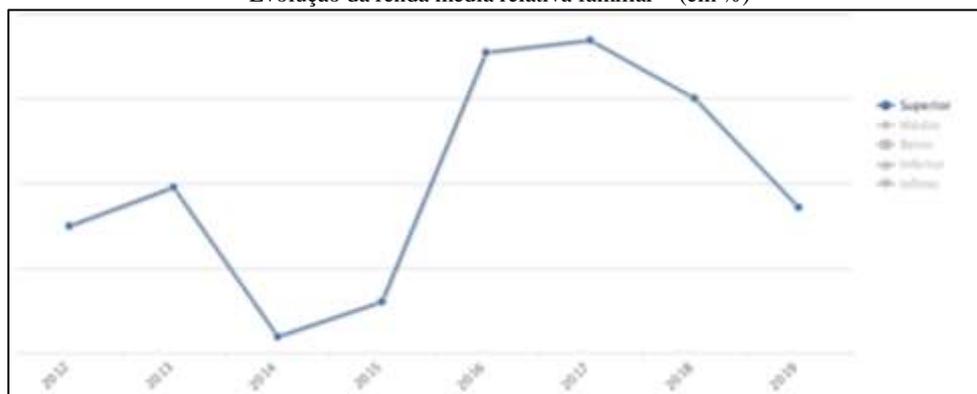


Gráfico 2  
Alta Classe Média  
Evolução da renda média relativa familiar – (em %)



Para encerrarmos este item é interessante examinar a participação da Classe Média na população e na renda total **declarada**. É o que consta das Tabelas 8 e 9, com os dados de 2019.

Verifica-se que a Alta Classe Média, com 10% da população, detém 37% da renda total, sendo que esta já expressiva participação na renda seguramente é ainda bem maior, devido à conhecida sub declaração nas camadas de rendas mais elevadas. Na Média Classe Média, esses índices são, respectivamente, de 17% e 22%.

Assim, estas duas camadas mais destacadas abrangem 27,8% da população e 59% da renda declarada.

Tabela 8  
Participação na população – 2019

Descrição	Mil pessoas	%
Alta Classe Média	21.714	10,4
Média Classe Média	36.520	17,4
Baixa Classe Média	83.909	40,1
Massa Trabalhadora	48.638	23,2
Miseráveis	18.715	8,9
Total	209.496	100,0

Fonte: IBGE, PNAD Contínua Anual.

Tabela 9  
Participação na renda total declarada

Descrição	R\$ milhão*	%
Alta Classe Média	79.509	37,3
Média Classe Média	46.671	21,9
Baixa Classe Média	62.090	29,1
Massa Trabalhadora	19.569	9,2
Miseráveis	5.596	2,6
Total	213.434	100,0

Fonte: IBGE, PNAD Contínua Anual.

\* a preços de outubro/2019. Deflator: INPC.

## b. O enfoque regional

Entretanto, este cenário panorâmico dos espaços sociais e rendimentos diz respeito ao conjunto do país. Se desagregarmos os dados regionalmente iremos encontrar realidades distintas.

Para ilustrar, é o que se verifica com a Alta Classe Média no dinâmico interior do Estado de São Paulo, como se apresenta nas Tabelas 8 e 9 e nos Gráficos 3 e 4.

No que se refere aos espaços sociais, evidencia-se um relevante encolhimento em que o patamar de 2012 não foi mais recuperado neste período examinado, com retrocessos mais sérios a partir de 2015.

Distintos comportamentos regionais resultam de distintas dinâmicas na geração de oportunidades, sugerindo a ocorrência de movimentos migratórios na Classe Média.

Tabela 10  
Interior do Estado de São Paulo <sup>(1)</sup>  
Estratificação social da população da Alta Classe Média  
(em %)

Anos	Alta Classe Média
2012	13,3
2013	12,3
2014	12,2
2015	11,9
2016	10,7
2017	9,8
2018	11,1
2019	11,9

Fonte: IBGE/PNAD Contínua Anual

(1) Estado de São Paulo excluindo a Região Metropolitana.

Tabela 11  
Interior do Estado de São Paulo  
Evolução da renda média familiar da alta classe média  
(Em R\$\*)

Ano	Alta Classe Média
2012	16.398
2013	16.644
2014	16.046
2015	15.577
2016	15.712
2017	16.725
2018	17.047
2019	16.412

\*A preços de Out./2019. Deflator: INPC  
Fonte: IBGE/PNAD Contínua Anual.

A análise simultânea destas duas dimensões é mais nítida comparando-se os dois gráficos, como se procede a seguir.

Gráfico 3  
Interior do Estado de São Paulo  
Evolução da participação da Alta Classe Média na população  
(Em %)

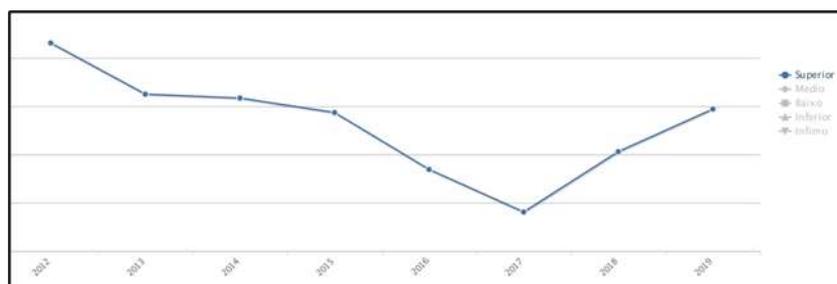
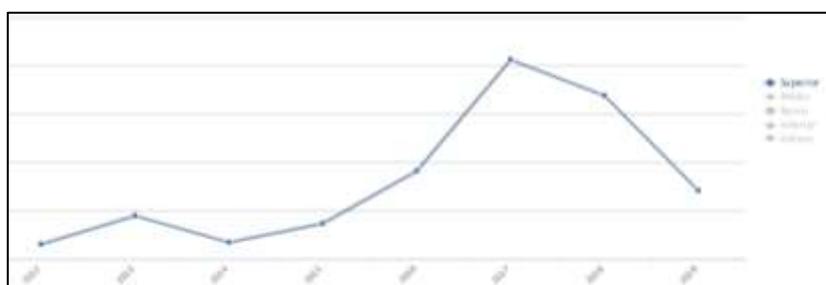


Gráfico 4  
Interior do Estado de São Paulo  
Evolução da renda média familiar da Alta Classe Média  
(Em %)



Tal como no enfoque nacional, fica evidente que quando o espaço social da Alta Classe Média do “interior” de São Paulo encolhe, até 2017, a renda média familiar sobe, mais uma vez sugerindo que os excluídos desta camada são os de renda inferior à média.

O contrário ocorre em 2018 e 2019, ou seja, expande-se o espaço social e retrocede a renda média pela incorporação de pessoas com renda média mais baixa.

### c. Os indivíduos ocupados

Já visto rapidamente o impacto no conjunto da população, isto é, nas famílias, passamos agora à análise do ocorrido no âmbito dos indivíduos ocupados.

A Tabela 12 apresenta a participação percentual da Classe Média no total dos ocupados.

Como se verifica, a evolução é muito próxima daquela vista na população, reforçando o caráter ultra restrito do acesso às ocupações desta camada diferenciada e melhor remunerada.

Cabe apenas lembrar que no interior de cada camada pode ocorrer uma significativa rotatividade. Ou seja, mesmo que a proporção de ocupados permaneça relativamente estável, alguns componentes podem ser excluídos e outros incluídos.

Por outro lado, quando após uma retração o número de ocupados se recupera, isso não significa necessariamente que aqueles que foram demitidos, ou perderam seus negócios, serão reabsorvidos.

Tabela 12  
Ocupados – Estrutura individual  
(em %)

Anos	Alta classe média	Média Classe Média	Classe Média
2012	6,7	12,3	19,0
2013	6,3	10,6	16,9
2014	7,2	11,4	18,6
2015	6,8	12,2	19,0
2016	6,1	12,4	18,5
2017	6,1	12,6	18,7
2018	6,4	13,4	19,8
2019	6,7	13,3	20,0

Fonte: IBGE/PNAD contínua anual.

A Tabela 13 apresenta a renda média dos ocupados de Classe Média. Em termos panorâmicos, curiosamente, ela revela que para aqueles que lograram continuar ocupados e permanecer na sua camada, a situação até melhorou em 2013 e 2016. Em 2014 e 2015 ambos os segmentos perderam rendimento.

Esta análise aponta para o fato de que o problema maior reside na desocupação e na dificuldade de acessar as ocupações de Classe Média, particularmente no que se refere à Alta. Reforçando que os espaços sociais destas camadas são relativamente protegidos.

Tabela 13  
Ocupados – Renda média – (Em R\$\*)

Ano	Alta classe média	Média classe média
2012	11.419	3.783
2013	12.003	4.175
2014	11.575	4.032
2015	11.175	3.860
2016	12.135	4.093
2017	12.052	3.984
2018	12.320	3.919
2019	12.025	3.812

Fonte: IBGE/PNAD Contínua Anual

\* A preços de outubro/2019. Deflator: INPC.

Analisa-se a seguir a evolução dos espaços sociais e rendimentos médios para os ocupados da Alta Classe Média, com base nos Gráficos 5 e 6.

Os gráficos revelam que cai a participação desta camada entre os ocupados a partir de 2014 até 2016, iniciando em seguida uma certa recuperação até 2019, quando praticamente se iguala ao nível de 2012.

Já os rendimentos caem significativamente em 2014 começando crescer um pouco em 2015 e mais expressivamente em 2016, ficando no mesmo patamar até 2018 e caindo ligeiramente em 2019.

Gráfico 5  
Alta Classe Média  
Evolução da participação no total dos ocupados  
(em %)

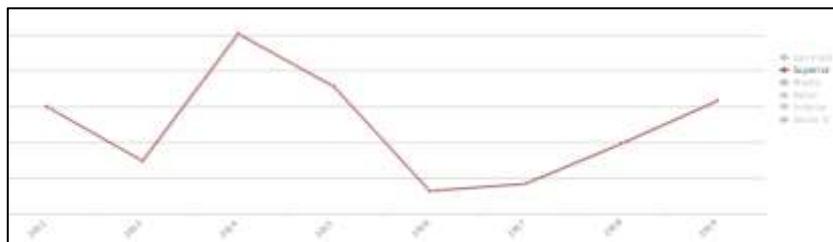


Gráfico 6  
Alta Classe Média  
Evolução da renda média  
(em %)



#### d. A Composição dos ocupados da Alta Classe Média

Vamos agora apresentar as principais características desta parcela bastante restrita dos indivíduos ocupados de Alta Classe Média.

Antes, porém, é interessante observar algumas alterações mais gerais no seu perfil entre 2012 e 2019.

Em primeiro lugar, as mulheres, ainda bastante minoritárias, conseguem um ligeiro avanço, passando de 30,9% para 33,3%.

Já em termos de cor ou raça, os ocupados negros e pardos passam de 23,1% para 26,7% em 2019.

No que se refere à escolaridade, os ocupados com nível superior completo reforçam sua predominância, avançando de 66,3% para 78,0%.

### e. A Estrutura Ocupacional

As ocupações possuem distintas situações na ocupação permitindo, pelo seu cruzamento, construir a estrutura ocupacional, como se verifica na Tabela 14.

Tabela 14  
Estrutura ocupacional individual – Alta Classe Média (e ricos)

Descrição	2012		2019	
	Nº	%	Nº (mil)	%
Empregadores	1.231.469	21,2	1.236.374	20,0
“Colarinhos Brancos” Autônomos	563.657	9,7	577.925	9,3
“Colarinhos Brancos” Assalariados	3.246.310	56,0	3.847.129	62,1
Trabalhadores Autônomos	340.086	5,9	266.661	4,3
Trabalhadores Assalariados	293.214	5,1	184.430	3,0
Sub total	5.674.736	97,9	6.112.518	98,7
Total	5.797.540	100,0	6.193.394	100,0

Fonte: IBGE/PNAD Contínua Anual.

### Empregadores

Importante parcela é ocupada pelos Empregadores de trabalhadores assalariados, ou seja, empresários.

A Tabela 15 apresenta os principais setores de atividade destes Empregadores e as alterações mais relevantes.

O Comércio é predominante, mas apresentando uma retração de 32,6% em 2012 para 26,7% em 2019, o que é totalmente consistente com o número de estabelecimentos que fecharam na crise.

O segundo grupo é o agregado Atividades Profissionais, Científicas e Técnicas que cresce de 12,7% para 15,7%, destacando-se as Atividades Jurídicas, de Contabilidade e de Auditoria. O peso relevante destas atividades reflete a prática das empresas de terceirizar estes serviços, reduzindo ou mesmo eliminando antigos departamentos.

Na Indústria de Transformação os empregadores avançam de 9,2% para 10,5%.

Tabela 15  
Setores de atividade– Empregadores da Alta Classe Média (e ricos)

Atividade	2012		2019	
	Nº	%	Nº	%
Comércio	400.858	32,6	330.497	26,7
Atividades Profissionais, Científicas e Técnicas	156.175	12,7	194.358	15,7
Indústrias de Transformação	112.962	9,2	129.394	10,5
Saúde	100.879	8,2	101.259	8,2
Agricultura, Pecuária e Afins	85.097	6,9	93.785	7,6
Construção	73.232	6,0	70.828	5,7
Alojamento e Alimentação	66.347	5,4	68.981	5,6
Sub Total	995.550	80,8	989.102	80,0
Total	1.236.374	100,0	1.231.469	100,0

Fonte: IBGE/PNAD Contínua Anual.

A Tabela 16 apresenta para 2019 as principais ocupações dos Empregadores de Alta Classe Média (e Ricos), sobressaindo-se os Lojistas, ainda que seus rendimentos declarados sejam os menores desta lista.

Tabela 16  
2019  
Ocupações – Empregadores da Alta Classe Média (e ricos)

Ocupação	Nº (mil)	%	Renda Média*
Comerciantes de lojas	199	16,1	11.634
Dirigentes de vendas e comercialização	79	6,4	15.180
Diretores gerais e gerentes gerais	72	5,8	24.164
Dirigentes de administração e de serviços	68	5,5	12.314
Dentistas	61	5,0	16.302
Advogados e juristas	59	4,8	16.681
Gerentes do comércio	57	4,6	13.188
Analistas de gestão e administração	53	4,3	15.765
Dirigentes financeiros	50	4,1	12.844
Médicos especialistas	40	3,2	23.020
Agricultores	36	2,9	17.952
Criadores de gado	30	2,5	16.747
Dirigentes de indústria de transformação	26	2,1	13.620
Dirigentes de empresas de construção	20	1,6	31.008
<b>Sub Total</b>	<b>850</b>	<b>68,8</b>	
<b>Total</b>	<b>1236</b>	<b>100,0</b>	<b>14.732</b>

Fonte: IBGE/PNAD Contínua Anual

\* A preços de outubro/2019.

### “Colarinhos Brancos” autônomos

Como vimos na Tabela 12, os “Colarinhos Brancos” autônomos permanecem estáveis um pouco abaixo de 10%, indicando que na Alta Classe Média os acessos a oportunidades para autônomos são igualmente restritos.

A Tabela 17 apresenta as principais atividades em que atuam esses autônomos.

Tabela 17  
Alta Classe Média  
Setores de atividade – “Colarinhos brancos autônomos”  
2019

Atividade	Nº (mil)	%
Atividades Profissionais, Científicas e Técnicas	217	37,6
Saúde	109	18,8
Comércio	44	7,6
Artes, Cultura, Esporte e Recreação	38	6,6
Informação e Comunicação	36	6,2
Atividades Imobiliárias	28	4,8
Atividades Financeiras e afins	21	3,6
Educação	19	3,3
<b>Sub total</b>	<b>511</b>	<b>88,4</b>
<b>Total</b>	<b>578</b>	<b>100,0</b>

Fonte: IBGE/PNAD Contínua Anual.

Na Tabela 18 encontram-se as principais ocupações dos autônomos, novamente com destaque para os Advogados e Juristas. Por sua vez, os maiores rendimentos desta lista são declarados pelo Médicos Especialistas.

Tabela 18  
Alta Classe Média  
Ocupações – “Colarinhos Brancos” Autônomos  
2019

Ocupação	Nº (Mil)	%	Renda Média*
Advogados e juristas	115	19,8	10.342
Médicos especialistas	37	6,5	15.502
Psicólogos	27	4,6	9.565
Analistas Administrativos	26	4,6	13.604
Dentistas	26	4,5	7.454
Agentes imobiliários	22	3,9	10.739
Arquitetos de edificações	22	3,8	8.234
Representantes comerciais	16	2,7	8.679
<b>Sub total</b>	<b>291</b>	<b>50,4</b>	
<b>Total</b>	<b>578</b>	<b>100,0</b>	<b>9.969</b>

Fonte: IBGE/PNAD Contínua Anual

\* A preços de outubro/2019.

### “Colarinhos Brancos” assalariados

Retornando à Tabela 12, fica evidente o predomínio das ocupações de “Colarinhos Brancos” assalariados, que avançam de 56,0% em 2012 para 62,1% em 2019.

A seguir, na Tabela 19, apresentamos as principais ocupações do segmento assalariado.

Entre as onze com mais de 100 mil ocupados, os Professores do Ensino Superior estão em primeiro lugar.

Os Médicos Especialistas e os Advogados e Juristas apresentam os maiores rendimentos, seguidos de perto pelos Contadores. Cabe mencionar que estas três ocupações assalariadas acompanham o desempenho dos Empregadores nestas atividades.

Com os menores rendimentos encontra-se a elite dos professores do ensino médio e fundamental. Ainda que fora deste grupo de ocupações mais numerosas, o mesmo ocorre com os profissionais de enfermagem e os graduados e praças da polícia militar.

Tabela 19  
Alta Classe Média  
Ocupações: “Colarinhos Brancos Assalariados”  
2019

Ocupação	Nº (Mil)	%	Renda Média*
Professores do ensino superior	171	4,5	11.020
Dirigentes de vendas e de comercialização	159	4,1	12.075
Médicos especialistas	157	4,1	13.133
Professores do ensino médio	134	3,5	7.821
Escriturários gerais	128	3,3	8.931
Dirigentes de administração e de serviços	117	3,0	12.725

Continua...

Tabela 19 – Continuação

Ocupação	Nº (Mil)	%	Renda Média*
Profissionais de nível médio do direito e afins	117	3,0	10.991
Advogados e juristas	117	3,0	16.089
Analistas de sistemas	108	2,8	10.687
Professores do ensino fundamental	106	2,8	6.339
Contadores	105	2,7	14.694
Dirigentes financeiros	102	2,7	15.714
Graduados e praças da polícia militar	93	2,4	7.661
Profissionais de enfermagem	83	2,2	7.347
Profissionais em direito	81	2,1	12.821
Gerentes de banco e afins	77	2,0	11.133
Médicos gerais	75	2,0	11.446
Analistas de gestão e administração	75	2,0	11.985
Engenheiros civis	65	1,7	10.370
Especialistas em métodos pedagógicos	58	1,5	8.728
<b>Sub total</b>	<b>2.126</b>	<b>55,3</b>	
<b>Total</b>	<b>3.847</b>	<b>100,0</b>	<b>10.691</b>

Fonte: IBGE/PNAD Contínua Trimestral

\* A preços de outubro/2019.

Em algumas ocupações assalariadas os funcionários públicos possuem importante presença, tal como se verifica na Tabela 20.

Tabela 20  
Alta Classe Média  
“Colarinhos Brancos assalariados” funcionários públicos  
2019

Ocupação	Nº	%	Renda Média*
Professores do ensino superior	110	7,6	11.472
Profissionais de nível médio do direito e afins	107	7,5	10.757
Professores do ensino médio	106	7,4	6.949
Escriturários gerais	93	6,5	8.910
Professores do ensino fundamental	90	6,3	6.313
Profissionais em direito	72	5,0	13.304
Contadores	65	4,5	18.201
Advogados e juristas	64	4,4	20.637
Médicos especialistas	58	4,1	12.417
Profissionais de enfermagem	51	3,6	7.277
Policiais	40	2,8	9.782
Inspetores de polícia e detetives	38	2,7	11.551
<b>Sub total</b>	<b>895</b>	<b>62,3</b>	
<b>Total</b>	<b>1.437</b>	<b>100,0</b>	<b>10.628</b>

Fonte: IBGE/PNAD Contínua Trimestral

\* A preços de outubro/2019.

Para facilitar a análise, a Tabela 21 apresenta a participação dos funcionários públicos em cada uma destas ocupações mais numerosas. Cabe mencionar que em 2019 os funcionários

públicos são responsáveis por 37,4 % do total de ocupados deste segmento de “Colarinhos Brancos”.

Coerente com o que já foi visto anteriormente, verifica-se a menor participação dos Médicos Especialistas, Advogados e Juristas e Contadores.

Tabela 21  
“Colarinhos Brancos Assalariados” da Alta Classe Média  
Participação dos Funcionários Públicos no total  
2019

Ocupação	% de Funcionários Públicos
Professores do ensino superior	64,3
Profissionais de nível médio do direito e afins	91,5
Professores do ensino médio	79,1
Escriturários gerais	72,7
Professores do ensino fundamental	84,9
Profissionais em direito	88,9
Contadores	61,9
Advogados e juristas	54,7
Médicos especialistas	36,9
Profissionais de enfermagem	61,4
Policiais	97,6
Inspetores de polícia e detetives	100,0

Fonte: IBGE/PNAD Contínua Anual.

No que se refere aos rendimentos médios no setor público, os destaques ficam com os Advogados e Juristas, que declaram rendimentos de 129,5 % em relação ao total da ocupação, seguidos pelos Contadores, com 127,1% e pelos Professores do Ensino Superior, com 107,8%.

Para encerrar este item e de certa forma consolidar vários aspectos abordados, apresenta-se na Tabela 22 os Setores de Atividade em que atuam os “Colarinhos Brancos” assalariados. Os dados são tão claros que consideramos desnecessário maiores comentários.

Tabela 22  
Setores de Atividade – “Colarinhos Brancos Assalariados”  
2019

Atividade	Nº	%
Administração Pública, Defesa e Seguridade Social	1.123	29,2
Educação	602	15,6
Saúde	428	11,1
Indústrias de Transformação	403	10,5
Atividades Financeiras e afins	261	6,8
Informação e Comunicação	211	5,5
Atividades Profissionais, Científicas e Técnicas	196	5,1
Comércio	148	3,8
<b>Sub total</b>	<b>3.371</b>	<b>87,6</b>
<b>Total</b>	<b>3.847</b>	<b>100,0</b>

Fonte: IBGE/PNAD Contínua Anual.

Uma observação de caráter mais geral relacionada à sempre apontada proeminência dos Advogados e Juristas e dos Médicos.

Os advogados e juristas ocupam sempre a primeira posição, em decorrência de vivermos em uma sociedade conflituosa e violenta, bem como de generalizadas e recorrentes demandas empresariais e governamentais, com uma quantidade exorbitante de processos.

No que diz respeito aos médicos especialistas, que apresentam os maiores rendimentos declarados, nos parece importante registrar que ocupam esse papel destacado em um quadro de estagnação e sucateamento da rede pública de saúde, com atendimento privado e caro para as camadas superiores.

Nestas duas ocupações tradicionais sempre existiu uma forte influência da “linhagem familiar”, onde os filhos ingressam nos escritórios e consultórios dos pais bem sucedidos e progressivamente compartilham sua clientela já estabelecida.

## A Distribuição Espacial

### Regiões

Em 2019, em termos nacionais, a Alta Classe Média inclui 10,4% da população, totalizando 21.714 mil pessoas.

Vamos agora examinar as participações regionais com os dados da Tabela 23.

Como se observa, a maior participação relativa da Alta Classe Média (e Ricos) localiza-se na Região Centro Oeste, seguida pelo Sudeste, Sul, Norte e Nordeste.

Em termos absolutos, em grande medida refletindo a distribuição da população, a maior quantidade de pessoas na Alta Classe Média (e Ricos) encontra-se na Região Sudeste, seguida pelo Sul, Nordeste, Centro Oeste e Norte.

Tabela 23  
Distribuição regional da população de Alta Classe Média  
2019

Região	mil pessoas	% da população
Sudeste	11.495	13,0
Sul	3.659	12,2
Nordeste	3.120	5,5
Centro Oeste	2.326	14,4
Norte	1.113	6,2

Fonte: IBGE/PNAD Contínua Anual.

### O padrão metropolitano

Para finalizar, vamos examinar a configuração de um perfil metropolitano, com a mais elevada presença da Alta Classe Média nas diversas Metrôpoles, independente do grau de desenvolvimento de suas regiões e estados, como se apresenta na Tabela 24.

Tabela 24  
População metropolitana regional de Alta Classe Média  
2019

Região	Mil pessoas	% da população
Sudeste	6.930	16,6
Sul	1.563	17,5
Nordeste	2.118	10,9
Centro oeste	1.459	22,3
Norte	552	10,1
<b>Brasil metrop.</b>	<b>12.623</b>	<b>15,4</b>

Fonte: IBGE/PNAD Contínua Anual.

Como se apresenta na Tabela 25, na região Sudeste a Grande São Paulo e a Grande Rio de Janeiro, praticamente empatadas, possuem as maiores proporções. Na terceira posição está a Grande Vitória e na quarta a Grande Belo Horizonte.

Tabela 25  
Metrópoles da Região Sudeste  
População de Alta Classe Média  
2019

Metrópoles	Nº (mil)	%
RM de São Paulo	3.780	17,4
RM do Rio de Janeiro	2.189	17,3
RM de Vitória	287	14,5
RM de Belo Horizonte	674	12,6

Fonte: IBGE/PNAD Contínua Anual.

A Tabela 26 apresenta os dados da Região Sul. Aqui o destaque fica com a Grande Florianópolis, seguida pela Grande Curitiba e Grande Porto Alegre.

Tabela 26  
Metrópoles da Região Sul  
População de Alta Classe Média  
2019

Metrópoles	Nº (mil)	%
RM de Florianópolis	254	24,2
RM de Curitiba	633	17,6
RM de Porto Alegre	677	15,8

Fonte: IBGE/PNAD Contínua Anual.

Na Tabela 27 temos os dados da Região Centro Oeste. O Distrito Federal se destaca largamente, tanto no plano regional como no nacional, obviamente como decorrência de ser a capital do país e, assim, reunir um grande corpo de funcionários públicos de escalões mais elevados.

Em seguida está a Grande Cuiabá e depois a Grande Goiânia.

Cabe mencionar que o estado de Mato Grosso do Sul não possui Região Metropolitana.

Tabela 27  
Metrópoles da Região Centro Oeste  
População de Alta Classe Média  
2019

Metrópoles	Nº (mil)	%
Distrito Federal	981	32,6
RM de Cuiabá	137	14,8
RM de Goiânia	341	13,0

Fonte: IBGE/PNAD Contínua Anual.

Os dados da Região Norte estão na Tabela 28, com participações bastante inferiores àquelas das metrópoles já mencionadas. Aqui, a primeira posição relativa fica com a Grande Amapá, seguida pela Grande Belém e Grande Manaus.

Tabela 28  
Metrópoles da Região Norte  
População de Alta Classe Média  
2019

Metrópoles	Nº (mil)	%
RM de Amapá	74	11,9
RM de Belém	251	10,9
RM de Manaus	226	8,9

Fonte: IBGE/PNAD Contínua Anual.

Por fim, a Tabela 29 apresenta os dados da Região Nordeste, com um grupo de metrópoles com níveis relativamente elevados, e outro com proporções bem inferiores.

No primeiro grupo, a posição mais destacada fica com a Grande Natal, seguida pela Grande Aracajú, Grande João Pessoa, Grande Recife, Grande Salvador. No segundo, temos a Grande Maceió, Grande Fortaleza, Grande Teresina e Grande São Luís.

Tabela 28  
Metrópoles da Nordeste  
População de Alta Classe Média  
2019

Metrópoles	Nº (mil)	%
RM de Natal	253	16,4
RM de Aracaju	140	14,6
RM de Salvador	504	12,8
RM de João Pessoa	157	11,9
RM de Recife	412	10,3
RM de Fortaleza	382	9,6
RM de Teresina	94	8,9
RM de São Luís	103	7,0
RM de Maceió	72	5,7

Fonte: IBGE/PNAD Contínua Anual.